

ÁUDIO-DESCRIÇÃO: RECURSO EM MUSEUS UNIVERSITÁRIOS

LEANDRO FREITAS PEREIRA¹; CAROLINA DA MOTTA TAVARES²; CAROLINA GOMES NOGUEIRA³; DESIREE NOBRE SALASAR⁴; FERNANDO DE PAULA ZAMBONI⁵; FRANCISCA FERREIRA MICHELON⁶

¹UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – lheandro@msn.com

²UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – carolmt1295@gmail.com

³UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – nogueiracarolina1996@gmail.com

⁴UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – dedah.nobres@gmail.com

⁵UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – fernando@fernandozamboni.com

⁶UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – fmichelon.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Programa de Extensão O Museu do conhecimento para todos: inclusão cultural para pessoas com deficiência em museus universitários, iniciou no ano de 2012, apoiado financeiramente no edital ProExt MEC/Sesu daquele ano e manteve o objetivo de “promover um espaço de cidadania às pessoas com deficiência através de um museu inclusivo”. (PROEXT- MUSEU DO CONHECIMENTO PARA TODOS, 2012, p.15). No presente, também apoiado no Edital ProExt MEC/Sesu 2015, objetiva-se realizar outra exposição acessível, só que agora em museu já implantado e articulando todas as possibilidades inclusivas já testadas no primeiro resultado do programa, o Memorial do Anglo. Assim, os diversos recursos acessíveis já desenvolvidos (maquetes táteis, áudio-descrição(AD), textos em braille e mediação acessível) foram propostos para o Museu do Doce. Apresenta-se, neste texto, a AD em museus que vem sendo desenvolvida no referido Programa e discutem-se os princípios e procedimentos adotados.

A AD é um recurso que segundo MOTTA e FILHO (2010):

É uma atividade de mediação linguística, uma modalidade de tradução intersemiótica, que transforma o visual em verbal, abrindo possibilidades maiores de acesso à cultura e à informação, contribuindo para a inclusão cultural, social e escolar. Além das pessoas com deficiência visual, a audiodescrição amplia também o entendimento de pessoas com deficiência intelectual, idosos e disléxicos. (MOTTA; FILHO, 2010, p. 7)

Acrescenta-se, ao conceito adotado, o fato de que a finalidade do programa não é apenas gerar os meios para a constituição de um espaço inclusivo, mas estabelecer instâncias pelas quais esse espaço possa operar pedagogicamente, cumprindo sua missão específica e a favor da inclusão. Sabe-se que, das barreiras, físicas, sensoriais e atitudinais a eliminar, a última é a que oferece maiores desafios. Entende-se que ao se oportunizar a convivência entre pessoas

com e sem deficiências, age-se a favor de novos conceitos e visões de mundo. Ao proporcionar que todos os públicos sintam-se acolhidos em espaços culturais, dilui-se a ideia de que pessoas com deficiência não podem ter autonomia e incentiva-se a ideia de que podem frequentar, com aproveitamento, lugares como museus e exposições.

2. METODOLOGIA

Segundo Nóbrega (2012) a AD

Por ocorrer em meios semióticos distintos enquadra-se nos Estudos da Tradução, baseado na classificação de Jakobson (1995), e classifica-se como uma tradução intersemiótica ou transmutação; nesse caso, uma tradução do visual pelo verbal, ou seja, a AD traduz imagens em palavras. (p.19)

Segundo MIANES (2016), *os pré-requisitos básicos para a elaboração de uma audiodescrição são: domínio da Língua Portuguesa (escrita e falada); habilidade de observação; conhecimento do público alvo*. No entanto, como muito bem observa Nóbrega no já citado estudo, embora as investigações que buscam evidenciar parâmetros para modelos de AD de objetos culturais estejam avançando, é consenso que ainda não se pode falar de uma solução exemplar. As variáveis que determinam as dúvidas são muitas e nem sempre podem ser isoladas e observadas fora do fluxo do acontecimento.

Segundo BARRETO (2011) existem quatro tipos de AD, sendo elas: *Áudio-descrição gravada*, é realizada com a elaboração de um roteiro; *Áudio-descrição ao vivo ensaiada*, utilizada principalmente em peças de teatro e eventos, na qual, durante a pausa da fala dos atores ou agentes do evento são descritas as ações que aparecem na cena; *Áudio-descrição simultânea*, ocorre sem um roteiro pré-estabelecido e em simultâneo com a ação da imagem e a *Áudio-descrição em filmes estrangeiros não dublados*, uma espécie de interpretação dos diálogos do filme, porém, não se sobrepõe as falas dos atores. A AD, que utilizamos no projeto Museu do Conhecimento, é a gravada.

Assim, quando se fala de AD em museus, um conjunto de fatores relacionados de imediato aparece. Em um museu, vários objetos e imagens podem ser áudio-descritos. A duração de cada AD deve ser um fator de grande atenção, ainda mais que deverá ser acompanhada de informação sobre os dados do objeto. Outro fator é quais, dentre todos os elementos, serão descritos já que, conforme o

tamanho de uma exposição, a totalidade pode gerar um percurso exaustivo e inócuo em termos de comunicação. A opção feita nas ADs em desenvolvimento foi descrever o máximo possível de elementos, objetos e imagens, primando pela AD curta e combinando-a com o áudio-guia (AG) de modo que em uma curta duração se tenha conseguido o máximo de informação.

Embora a NOTA TÉCNICA Nº 21 / 2012 / MEC / SECADI /DPEE, para elaboração das ADs, seja contestada por muitos áudio-descritores e esteja sendo revistas, alguns dos indicativos nela apresentados estão sendo utilizados nesse trabalho:

- Identificar o sujeito, objeto ou cena a ser descrita - O que/quem;
- Localizar o sujeito, objeto ou cena a ser descrita Onde;
- Descrever as circunstâncias da ação - Faz o que/como;

Os demais indicativos, são circunstancialmente combinados, quando a imagem demanda que se faça. Assim, pode-se ou não:

- Utilizar o advérbio para referenciar o tempo em que ocorre a ação – Quando
- Utilizar a aplicação do estilo IMAGE CAPTION em todas as imagens e após a apresentação da imagem acrescentar os dados na seguinte ordem: fonte, Legenda e Descrição;
- Mencionar cores e demais detalhes;
- Iniciar a descrição, usando a expressão: a charge, cartun, história em quadrinho e tira cômica mostra/apresenta;" (2012, p. 2,3,4)

A AD é realizada utilizando cinco pontos de referência de uma fotografia. Inicia-se descrevendo a época, este método permite a construção no imaginário da pessoa com deficiência visual, em seguida damos foco aos elementos significativos da fotografia. A partir dessas informações elaboramos o texto com palavras simples e curtas, evitando termos técnicos, facilitando a compreensão para construção da imagem. Depois de feito o roteiro de uma imagem, realiza-se a revisão, após é feita consultoria com um membro do projeto que tem deficiência visual.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como observa Nóbrega (2012): "Para que essas pessoas [com deficiência visual] tenham acesso aos meios culturais, é necessário que haja mecanismos que permitam esse ingresso" (p.19). Sendo assim, a questão a responder é o quanto de êxito se pode ter em uma AD no que tange a dar a possibilidade para quem não enxerga de ter acesso ao conteúdo visual. O grande desafio da AD vem sendo: o que se seleciona para, em poucas palavras, fazer ver? A AD também desafia a pensar sobre o que pessoas que enxergam elegem para ver e, portanto, coloca no ápice da reflexão o relativismo do olhar.

4. CONCLUSÕES

O trabalho desenvolvido no programa de extensão O Museu do Conhecimento para Todos: inclusão cultural de pessoas com deficiência, ao longo de seus quatro anos de existência, conseguiu um resultado completo que é o Memorial do Anglo, espaço físico, situado no 3º andar do Prédio do Campus Porto da Universidade Federal de Pelotas. Como resultado desse programa de extensão, o Memorial foi inaugurado com todos os recursos de acessibilidade seguindo a Norma Brasileira 9050, sendo eles: AD, legenda em braile, esquemas e maquetes táteis, mediação acessível e mobiliário ergonômico acessível. Estes recursos foram elaborados seguindo os princípios de desenho universal no qual há *“concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem utilizados por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou projeto específico”*. O mesmo deverá ocorrer na segunda fase do Programa. No entanto, o que se vem observando é que a AD acabou sendo o recurso mais intenso do programa, porque tem se mostrado um processo para o envolvimento e aproximação entre as pessoas. A AD estimula a reflexão sobre o que é enxergar sem ver e sobre como a palavra pode ser o recurso mais importante na recepção de públicos de pessoas com deficiência visual.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Associação Brasileira de Normas Técnicas NBR 9050: 2015. Acessibilidade a edificação, espaço mobiliário e equipamentos urbanos / Associação Brasileira de Normas Técnicas. Rio de Janeiro: ABNT, 2015.

Barreto, Aura Rojas. Museus e inclusão cultural, Acessibilidade para deficientes visuais. II Seminário Latino Americano e Caribeño de los Servicios Bibliotecarios para Ciegos y Debiles Visuales. [s.d.]

CARPES, Daiana Stockey. Audiodescrição: práticas e reflexões. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2016.

Diretoria de Políticas de Educação Especial Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão DPEE/SECADI/MEC. NOTA TÉCNICA No 21 / 2012 / MEC / SECADI /DPEE sobre Orientações para descrição de imagem na geração de material digital acessível – Mecdaisy. Brasília, Distrito Federal, Brasil. 2012.

MOTTA VILELLA DE MELLO, Livia Maria; FILHO; Paulo Romeu. **Audiodescrição: transformando imagens em palavras**. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010

PROEXT MUSEU DO CONHECIMENTO PARA TODOS: INCLUSÃO CULTURAL DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA. Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, 2012.